

Lusorama

Zeitschrift für Lusitanistik
Revista de Estudos
sobre os Países de Língua Portuguesa



Herausgegeben von
Editado por

Luciano Caetano da Rosa
Axel Schönberger
Michael Scotti-Rosin

Nr. 75-76 (November 2008)



Frankfurt am Main 2008
ISSN 0931-9484

- René Gottlieb Strehler (Brasília):
 Considerações sobre a fraseologia partindo de *Portugiesische Redewendungen* (2006) de Stefan Ettinger e Manuela Nunes 158

Buchbesprechungen / Recensões

- Eberhard Geisler (Hrsg.): *Die Landschaft füllt sich mit Zeichen: neuere Lyrik aus Portugal; zweisprachige Ausgabe*, ausgewählt, aus dem Portugiesischen übertragen sowie mit Vorwort und Anmerkungen versehen von Eberhard Geisler unter Mitarbeit von Fernanda Silva-Brummel, Bamberg: Universitäts-Verlag Bamberg, 2007 (Bamberger Editionen; 15), ISBN 3-978-3-933463-22-7, 160 S. [Dietrich Briesemeister, Wolfenbüttel] 168
- Paulo Coelho: *Elf Minuten*, Roman, aus dem brasilianischen Portugiesisch von Maralde Meyer-Minnemann, Zürich: Diogenes, 2003, ISBN 3-257-06373-3, 286 S. [Ángela Maria Pereira Nunes, Mainz / Gernersheim] 169
- Milton Hatoum: *Asche vom Amazonas*, Roman, aus dem brasilianischen Portugiesisch von Karin von Schweder-Schreiner, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008, ISBN 978-3-518-42015-7, 298 S. [Beatrice Nickel, Stuttgart] 173
- Teresa Pinheiro: *Aneignung und Erstarrung: die Konstruktion Brasiliens und seiner Bewohner in portugiesischen Augenzeugenberichten 1500-1595*, Stuttgart: Steiner, 2004 (Beiträge zur Europäischen Überseegeschichte; 89), ISBN 3-515-08326-X, 355 S. [Dietrich Briesemeister, Wolfenbüttel] 176
- Johannes Meier (Hrsg.): *Jesuiten aus Zentraleuropa in Portugiesisch- und Spanisch-Amerika: ein bio-bibliographisches Handbuch mit einem Überblick über das außereuropäische Wirken der Gesellschaft Jesu in der frühen Neuzeit*, Bd. 1: *Brasilien (1618-1760)*, bearbeitet von Fernando Amado Aymoré, Münster: Aschendorff, [2006], ISBN 3-402-03780-7, 344 S. [Dietrich Briesemeister, Wolfenbüttel] 179

René Gottlieb Strehler (Brasília)

Considerações sobre a fraseologia
partindo de *Portugiesische Redewendungen* (2006)
de Stefan Ettinger e Manuela Nunes

Introdução

Há pouco tempo está disponível no comercio um pequeno livro intitulado *Portugiesische Redewendungen* de Stefan Ettinger e Manuela Nunes (2006). Esta obra foi elaborada dentro de uma perspectiva primordialmente didática, pois ela permite ao aprendiz de língua alemã assimilar certo número de fraseologismos da língua portuguesa. Visto que o livro em questão trata da variedade portuguesa e que nosso interesse se situa mais na fraseologia observável na variedade brasileira do mesmo idioma, optamos por não fazer uma simples resenha, mas por apresentar o livro e enriquecer essa apresentação de considerações contrastivas concernente a fraseologia presente dos dois lados do atlântico.

Apresentação do livro

O livro *Portugiesische Redewendungen* recebe como subtítulo a aposição *Ein Wörter- und Übungsbuch für Fortgeschrittene*. Trata-se, portanto, de um dicionário de fraseologismos contendo igualmente exercícios destinados a estudantes avançados.

Na área dos estudos portugueses, a fraseologia ainda está relativamente pouco presente, ao menos em comparação com outros idiomas, como o alemão ou o espanhol, para os quais se encontram mais facilmente estudos teóricos ou trabalhos práticos (Burger 1998 e Zuluaga 1975, por exemplo). Sem dúvida, esse fato levou os autores a consagrar a primeira parte, que ocupa um terço da obra, a explicações que ultrapassam simples indicações de como usar o referido manual. Nessa parte, intitulada «Hinweise für die Benutzung» ('como usar este manual'), vêem-se, evidentemente, expostos o público-alvo e os objetivos da aprendizagem. Segundo os autores, o livro se destina, antes de tudo, a aprendizes do português de língua alemã que já adquiriram no referido idioma um nível intermediário ou mesmo adiantado. Também segundo os autores, o livro pode igualmente ser útil para lusófonos que vivem num contexto de migração. Com efeito, a 'parte dicionário' contrasta os fraseologismos

portugueses com equivalentes alemães, quando possível, possibilitando assim a aquisição de fraseologismos alemães. O emprego de marcas de uso como *ugs.*, *salopp* ou *abwertend* deve impedir que o consulente estabeleça associações impróprias a nível pragmático. Esse último dado pode ser útil não só para o público-alvo mencionado, mas igualmente para um segmento não citado no livro. Diante da migração, ou de casais binacionais, observamos locutores que adquirem uma dada língua em contexto social peculiar, pouco 'natural', sem que se possa falar de aprendizagem escolar. Trata-se de falantes que estão confrontados à língua do país e à língua dos ou de um dos parentes. Nesse caso específico de bilingüismo, um falante pode ter dúvida quanto ao valor semântico-pragmático de certos fraseologismos. Ele pode então sentir necessidade de formalizar seu saber intuitivo através de uma obra como a de Ettinger e Nunes.

Além das indicações relativas ao público-alvo e aos objetivos, o livro indica como aprender com o manual em questão. São apresentadas as opções pedagógico-didáticas e lexicográficas que devem ser conhecidas para tirar maior proveito da obra. Os autores explicam, por exemplo, que a estruturação lexical permite relacionar palavras de uma mesma família, *ferver de ferver em pouca água e fervura de deitar água na fervura*, por exemplo. Pensando em problemas mais de ordem lexicográficas, não faltam tampouco as indicações necessárias para entender a variação nos fraseologismos. Assim, os elementos dos fraseologismos apresentados entre parênteses correspondem a constituintes facultativos, ou seja, à variação na extensão: *ser (uma) ave de arribação* (Ettinger / Nunes 2006: 10) ou, em alemão, *sich (bis auf die Knochen) blamieren* (Ettinger / Nunes 2006: 10). Já a variação paradigmática está tratada com a barra de divisão. Assim, na página 11 são dados os seguintes exemplos: *irre / übermütig sein* e, para o português, *chegou o / estar com o João Pestana*. Nota-se que mecanismos parecidos são empregados nos dicionários de língua usuais porque permitem economizar espaço, mas esses mecanismos podem comportar certos inconvenientes. De fato, segundo a variação em questão e os critérios de classificação adotados, o fraseologismo pode aparecer em vários lugares. O fraseologismo 230 da coletânea de Ettinger e Nunes, *não valer um tostão*, existe igualmente sob as variantes *não valer um alfinete / dois caracóis / um caracol*. Se o substantivo é a base para a classificação, podemos ter três fraseologismos ou quatro variantes. Segundo o caso, o fraseologismo deve aparecer três vezes na ordem alfabética correspondendo a *alfinete*, *caracol* e *tostão* ou uma vez a *alfinete*. A segunda solução é a mais econômica, mas o consulente que conhece apenas a variante com *caracol*, por exemplo, não teria êxito na sua busca. No caso do livro em questão, esse tipo de problema é contornado porque a variação de substantivos que regem a classificação está ausente e porque o objetivo

primeiro dos autores não é de ordem lexicográfica, mas de ordem didática. Aliás, raciocinando em termos de ideais lexicográficos, uma solução inatacável talvez apenas fosse possível com um suporte eletrônico.

A transcrição de um artigo da parte dicionário permite ilustrar as opções teóricas dos autores, quanto à constituição e elaboração do acervo:

- 217 (só) arrancar/tirar algo a saca-rolhas (a alguém) Q 147
 conseguir saber algo (de alguém) apenas depois de muita insistência
etwas nur mühsam und stückweise (aus jemandem) herauskriegen; jemandem alles aus der Nase ziehen müssen (ugs.)
 (Ettinger / Nunes 2006: 86).

Além da classificação alfabética adotada partindo do primeiro substantivo, cada fraseologismo recebe um número (217, no exemplo). Na tabela das respostas dos exercícios, este número serve para voltar à parte dicionário, caso necessário. Na primeira linha do artigo, vê-se realçado o fraseologismo, assim como um número que corresponde a um exercício. Assim, o fraseologismo 217 é objeto do exercício Q 147. Nota-se que as indicações entre parênteses podem se referir à variação sintagmática, mas também comportar informações de ordem pragmática. Entendemos aqui sob a denominação ‘informação pragmática’ as indicações como *a / de alguém, aus jemandem* e igualmente as marcas de uso, como *ugs.*, presentes apenas nos equivalentes em alemão. De fato, os autores se limitaram em catalogar na obra em questão apenas fraseologismos estilisticamente não marcados, isto é, não aparecem fraseologismos que possam ser considerados, por exemplo, vulgares ou literários. Esta escolha tem a vantagem de impedir que o aprendiz de nível ainda não muito adiantado empregue um fraseologismo em contexto inadequado. Acredita-se que classificar fraseologismos como sendo estilisticamente não marcados não é tarefa fácil, já que os dicionários de língua frequentemente não são coerentes. Assim, por exemplo, encontramos em dicionários brasileiros *bater a linda plumagem* com a marca ‘fam.’, enquanto a versão *bater a bela plumagem* não recebeu nenhuma marca. Em *Portugiesische Redewendungen* não encontramos esse tipo de incoerências.

A microestrutura do fraseologismo 217 mostra igualmente uma organização coerente para consulentes de língua alemã. O código gráfico distingue nitidamente a língua portuguesa e alemã, sendo reservado a essa última o emprego de itálicos. Cada fraseologismo português vê-se definido, relacionado com uma parafrase não fraseológica ou explicado em português, segundo as necessidades. Quando à parte alemã, teria sido interessante distinguir graficamente os fraseologismos das equivalências frasais, já que os lusófonos constituem um público-alvo, ainda que largamente minoritário. Assim, para eles não é forçosamente evidente que

jemandem alles aus der Nase ziehen müssen é um fraseologismo, mas não *etwas nur mühsam und stückweise (aus jemandem) herauskriegen* (fraseologismo 217).

Depois de ter tratado 250 fraseologismos segundo a metodologia apresentada, o livro passa aos exercícios. O consultante pode, nesta parte, testar seus conhecimentos lançando mão de 250 questões de tipo múltipla escolha. Os exercícios se apresentam da maneira seguinte:

147 *Ele é muito pouco comunicativo. Se queres saber algo dele tens que ...*

- a) lhe arrastar a asa
- b) fazer gato-sapato dele
- c) lhe apertar o bacalhau
- d) lhe arrancar tudo a saca-rolhas.

O exemplo aqui apresentado corresponde ao exercício número 147, que está em correlação com o fraseologismo 217, como se viu no exemplo acima. O texto em itálico visa nitidamente contextualizar o fraseologismo para que não possa haver dúvida quanto à resposta. Em poucas linhas, os autores sempre conseguem passar as informações semânticas e pragmáticas necessárias para circunscrever o contexto de emprego de um dado fraseologismo. Portanto estimamos que os exercícios são adequados para estudantes do nível visado. Sistemáticamente são propostas quatro respostas e, no final do livro, o aluno pode verificar sua resposta. A maneira de apresentar as soluções é bastante engenhosa, vejamos um extrato.

Quizfrage	Lösungen und Verweise				Reg.-Nr.
	a	b	c	d	
147	97	236	225	•	217

A tabela mostra que no exercício 147 a boa solução corresponde à opção d), pois o símbolo • se situa na coluna d). O aprendiz que optou por a) ("lhe arrastar a asa"), por exemplo, não obtém apenas a informação de ele não ter acertado, mas tem igualmente nas mãos os meios de verificar e corrigir seu conhecimento dos fraseologismos. Com efeito, ao errar, ele deve desconhecer no mínimo dois fraseologismos, aquele de sua resposta e o fraseologismo certo. O número da última coluna (217) remete o aluno ao bom fraseologismo na parte dicionário e ele pode assim verificar por que *lhe arrancar tudo a saca-rolhas* é a opção adequada do exercício 147. Da mesma maneira, os números debaixo de a, b e c permitem encontrar na parte dicionário a explicação dos fraseologismos

propostos no exercício 147. Esse mecanismo de referência, simples e eficiente, permite ao aluno uma verificação mais sutil de seus conhecimentos do que um simples feedback do tipo 'certo' ou 'errado', garantindo-lhe assim larga autonomia na aprendizagem.

Em resumo, podemos afirmar que a primeira parte do livro, *Hinweise für die Benutzung*, constitui uma discussão condensada de vários aspectos da fraseologia portuguesa. Assim, o livro em questão não é apenas uma obra didática, ele pode igualmente servir para dar o primeiro passo no estudo da fraseologia geral e portuguesa em particular. A bibliografia anexada a essa primeira parte se divide em quatro partes: «A. Wörterbücher», «B. Lernsammlungen», «C. Phraseodidaktische Arbeiten» e «Arbeiten zur Lexicographie und Phraseologie».

A segunda parte se compõe do «Wörterbuchteil» ('parte dicionário'), «Quiz- und Übungsteil» ('exercícios') e do «Schlüssel» ('soluções'). A interação entre as três seções já foi exposta e constatamos então que as seções são suficientemente independentes da primeira parte. Isso permite que um estudante adiantado possa se servir da parte dicionário e / ou da parte de exercícios de maneira autônoma, se não estiver interessado nas bases expostas na primeira parte.

Considerações contrastivas: fraseologismos no Brasil e em Portugal

Ettinger e Nunes discutem em várias passagens de seu livro aspectos classificatórios de fraseologismos, como registro (linguagem corrente, vulgar, literário ...) ou temas ('fome', 'preguiça'), por exemplo. Esses aspectos têm, evidentemente, sua importância para a seleção dos fraseologismos. O livro retém um acervo de 250 fraseologismos de linguagem corrente no uso do português de Portugal. Levando em consideração a metodologia adotada em relação à variação, podemos admitir que, na verdade, são tratados bem mais fraseologismos.

Visamos agora contrastar o acervo de Ettinger e Nunes com fraseologismos atestados no Brasil. Partindo dos dicionários usuais no Brasil,¹ obtém-se um acervo de uns 9000 'fraseologismos brasileiros', isto é, fraseologismos que, segundo os dicionários, não são percebidos como regionalismos no país. No entanto, existe uma grande diferença entre o número dos fraseologismos atestados nos dicionários e o número dos fraseologismos realmente conhecidos e empregados corriqueiramente, mas essa problemática existe igualmente no domínio do léxico.

¹ Os chamados *Aurélio*, *Houaiss* e *Michaelis*. Consultar Ferreira, Houaiss e Weiszflog na bibliografia.

Uma primeira observação é a de que dos 250 fraseologismos de Ettinger e Nunes 76 não aparecem nos dicionários brasileiros e vários outros recebem a marca 'Portugal' para indicar que não fazem parte do uso brasileiro. Esse fato em si já é significativo, pois mostra que o uso da língua é bastante diversificado nos dois lados do atlântico.

Curiosamente as unidades lexicais comuns de emprego diversificado raramente tornam um fraseologismo português desconhecido ou estranho no Brasil. Citamos apenas o fraseologismo 27 da coletânea. *Fazer bicha* significa, segundo os autores, «pôr-se em fila para esperar sua vez». O brasileiro, nesse contexto, *faz fila*, ou até *fura a fila*. Já *fazer bichas*, no plural, significa, segundo Houaiss, «fazer travessuras» e não corresponde a um fraseologismo freqüente; talvez porque a unidade lexical *bicha* se associa num uso corriqueiro da língua mais facilmente à acepção 'homem efeminado' que a 'fila'.

Em certos casos, portugueses e brasileiros não se baseiam nas mesmas referências geográficas ou históricas para dar vida a fraseologismos. Assim, *haver mouro na costa* («pressentir, suspeitar que algo, uma ameaça ou um perigo, está iminente; aparecer um pretendente amoroso»)² e *querer meter Rossio na (Rua da) Betesga* («querer introduzir algo grande num espaço ou num recipiente pequeno») são desconhecidos no Brasil. Esse fato em si não há de surpreender, já que *em ritmo de Brasília* («com extraordinária rapidez»), citado no Aurélio e no Houaiss, do seu lado, é relativamente desconhecido em Portugal. Nos fraseologismos *meter uma lança em África* («ter êxito numa proeza invulgar») e *fazer um negócio da China* («fazer um negócio muito lucrativo e sem riscos») observa-se uma convergência. Os dois fraseologismos são conhecidos nos dois lados do atlântico e, para a construção do significado, não se recorre a «África» e «China» por causa de uma simples referência geográfica, mas por causa de uma aferência culturalmente marcada que está ligada à história colonial de Portugal. O interessante é que essa aferência pôde sobreviver nos dois países.

A religião como tema cultural deixa igualmente traços em fraseologismos portugueses e brasileiros. Ettinger e Nunes mencionam, entre outros, *cair o Carmo e a Trindade* («diz-se quando algo provoca uma discussão muito acesa ou causa grande surpresa») e *ser como (o) Frei Tomás* («dar bons conselhos e não actuar em conformidade com eles»). Os dois fraseologismos são desconhecidos no Brasil e, sem dúvida, não se chegaria à interpretação correta deles por causa do desconhecimento das referências culturais a eles ligadas. Em outras ocasiões essas referências são

² As definições dos fraseologismos extraídos de Ettinger / Nunes (2006) são, evidentemente, também do referido livro.

compartilhadas, como nos fraseologismos *fazer algo no dia de São Nunca (à tarde)* («nunca») e *ir a Roma e não ver o papa* («ir a um lugar e não ver o que ele tem de mais importante; não reparar que algo que se procurava está mesmo em frente dos olhos»). A presença do imaginário São Nunca mostra que essa referência à religião pode se situar num plano jocoso. Talvez certos fraseologismos sejam empregados mais frequentemente numa comunidade lingüística que noutra, assim *ensinar o padre-nosso ao vigário* («pretender ensinar ou dar conselhos a alguém mais experiente e / ou competente») é conhecido no Brasil como em Portugal, embora ausente no repertoriado do livro de Ettinger e Nunes.

O fato de existirem duas comunidades lingüísticas geográfica e politicamente separadas facilita, com certeza, o aparecimento de representações culturais distintas que, de seu lado, permitem a formação de fraseologismos conhecidos apenas numa das duas comunidades em questão. Em termos concretos, unidades lexicais como *bacalhau* ou *barata* têm nas duas comunidades lingüísticas o mesmo conteúdo semântico inerente. Já do lado da aferência, que é sensivelmente mais cultural, aparecem diferenças. Ilustramos este fato com fraseologismos provenientes das duas comunidades. Oponhamos o português *Apertar / estender o bacalhau a alguém* («cumprimentar alguém com um aperto de mão») ao português do Brasil *bacalhau de porta de venda* («pessoa muito magra»). É possível que os dois fraseologismos fossem inicialmente conhecidos nos dois lados do atlântico, no entanto, nos dias de hoje, o bacalhau seco evoca para o brasileiro a magreza e para o português uma mão. Em relação a outros fraseologismos que contêm a unidade lexical *bacalhau*, observamos que a diversificação dos semas aferentes não se produziu, ou não exerceu influência. Além do relativamente conhecido *ficar em água de bacalhau* («fracassar; falhar; malograr-se»), repertoriado por Ettinger e Nunes, as comunidades lingüísticas brasileira e portuguesa compartilham também o não repertoriado *para quem é, bacalhau basta* («para pessoa insignificante qualquer coisa serve»). Observações parecidas podem ser feitas em relação a fraseologismos contendo a unidade lexical *barata*. O livro de Ettinger e Nunes menciona *ficar pior que uma barata* («ficar muito furioso») e um dicionário de Portugal *como uma barata* («furioso»). Ambos os fraseologismos atestam uma interpretação cultural de *barata*, talvez a maneira de correr desse simpático dictióptero evoca a idéia de furor. Seja como for, no Brasil prevalece outra aferência, como mostram *barata tonta* («pessoa atônita») e *ter sangue de barata* («não reagir a uma ofensa»). Na visão brasileira parecem prevalecer traços como ‘atrapalhado’ ou ‘fraco’; no entanto, o movimento irregular da barata inspirou também um fraseologismo no Brasil; trata-se de *ter baratas no papo* («ter vontade de falar»).

Certo número de fraseologismos de *Portugiesische Redewendungen* evocam o problema de saber qual é a delimitação verdadeira dos fraseologismos. De fato, delimitar a extensão de certos fraseologismos pode impor ao lexicógrafo decisões arbitrárias. Os fraseologismos seguintes encontram-se em Ettinger e Nunes e também em dicionários brasileiros, mas sob uma forma reduzida, apresentada aqui em negrito.

Ser um bicho do mato («**ser pouco sociável**»);
ir / marchar em fila indiana («**andar uns atrás dos outros**»);
fazer algo na hora H («**chegar ou fazer algo no momento exacto, oportuno**»);
ter segundas intenções («**ter um propósito oculto**»);
dar luz verde a alguém («**autorizar alguém a fazer algo**»).

Em outra ocasião (Strehler 2002) notamos que a variação na extensão do fraseologismo (*ser um bicho do mato* em frente a *bicho do mato*) atestada em dicionários, toca frequentemente fraseologismos nominais que podem ser atualizados com um verbo de estado, ou então nominais, cujo conteúdo semântico quase impõem certos verbos. Acreditamos que Ettinger e Nunes estavam diante desse problema em relação a muitos fraseologismos. Com efeito, poder-se-ia dizer perfeitamente que alguém *se comporta como um bicho do mato* ou que alguém *espera a luz verde*. Esse raciocínio nos leva a acreditar que o fraseologismo ‘verdadeiro’ se limita a *bicho de mato* e *luz verde*, respectivamente. No entanto, não temos suficientemente elementos lingüísticos para alegar que a versão curta seria a correta. Ao contrário, seria igualmente possível afirmar que temos, cada vez, dois fraseologismos, uma construção nominal e uma construção verbal. Essa última hipótese obrigaria o lexicógrafo a tratar todas as formas, o que não é uma opção econômica. Num dicionário ou, ainda mais, num livro didático pode ser judicioso optar por apresentar a versão com o verbo e fazer economia da versão nominal, já que essa primeira versão não encobre a versão nominal, devido ao funcionamento geral da língua; mas a opção contrária pode facilmente induzir ao consulente ou aprendiz que talvez pudesse existir apenas a forma nominal. Nesse sentido a opção de Ettinger e Nunes é justificável, a condição de a versão nominal ser de um uso sensivelmente menos freqüente em Portugal que a versão com verbo. Se as duas versões estivessem em posição de igualdade, em termos de freqüência de emprego, seria mais adequado recorrer a uma representação indicando a variação: (*ir / marchar*) *em fila indiana*, por exemplo.

Considerações finais

Para voltar aos objetivos expostos em Ettinger e Nunes, podemos afirmar que o livro *Portugiesische Redewendungen* foi elaborado de maneira coerente. Com certeza ele pode ser útil a quem lida com a língua portuguesa, quer seja um professor ou um aprendiz. O primeiro encontra no referido livro indicações teóricas e práticas para exercícios consagrados à fraseologia. O aprendiz por seu lado, graças a esse livro, tem uma obra à sua disposição que lhe permite, segundo seu nível, adquirir os primeiros conhecimentos teóricos sobre fraseologia, consultar os fraseologismos portugueses mais freqüentes e revisar seu conhecimento dos mesmos com o auxílio de 250 questões de múltipla escolha.

Quanto ao contraste entre a fraseologia portuguesa e brasileira, cabe mencionar, num primeiro tempo, que o livro reflete o uso de Portugal, fato que tem sua importância, porque um bom número dos fraseologismos apresentados são mal conhecidos ou ignorados no Brasil. Além disso, o uso da variedade portuguesa se nota igualmente na redação dos exercícios, no emprego do léxico (mulher-a-dias *versus* diarista) ou de certas estruturas sintáticas (passam a trabalhar *versus* passam trabalhando), por exemplo.

Ademais, a diversificação entre Portugal e Brasil, no tocante à fraseologia, ilustra a relação entre fala e língua. Um fraseologismo é primeiramente uma fala, portanto individual, que, depois, tem sucesso numa dada comunidade lingüística. Para ter certo sucesso, ele tem que convir culturalmente a uma comunidade lingüística e a ausência de unidade política e geográfica entre Portugal e Brasil constitui um fator que facilita a diversificação das duas variedades do português. Em outros termos, o aparecimento de um fraseologismo concreto não é necessário, mas contingente em termos filosóficos. Ele pode assim se integrar na variedade portuguesa ou na variedade brasileira ou em ambas.

Referências bibliográficas

- Burger, Harald (1998): *Phraseologie: eine Einführung am Beispiel des Deutschen*, Berlin: Erich Schmidt.
- Ettinger, Stefan / Nunes, Manuela (2006): *Portugiesische Redewendungen*, Hamburg: Helmut Buske.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (2004): *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, Curitiba: Editora Positiva.
- Houaiss, Antônio (2001): *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

- Strehler, René (2001): «Unités phraséologiques en portugais: problèmes de délimitation», em: Zinglé, Henri (ed.) (2001): *Travaux du LILLA 4*, Nice: Université de Nice-Sophia Antipolis, págs. 74-89.
- Weiszflog, Walter (ed.) (1998): *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, São Paulo: Melhoramentos.
- Xatara, Cláudia / Oliveira, Wanda Leonardo de (2002): *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões*, São Paulo: Cultura Editores Associados.